

EDITORIAL

O diálogo estético e com o imaginário, promovido em seminários contínuos, a partir de 2012, entre a Faculdade de Comunicação (FAC) e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de Brasília acabou por envolver pesquisadores da Comunicação, Arquitetura, Urbanismo, Sociologia, Artes Visuais, Filosofia e Design que produziram, por sua vez, discussões da atualidade do imaginário, abordando a ideia e as condições de uma filosofia da coexistência nos espaços comuns, na qual imagem, narrativa e espaço se aproximam e dialogam.

Este número da RES trata a arquitetura a partir do imaginário e o imaginário a partir da arquitetura. Busca justamente esta "coexistência", algo que ocorre tanto no espaço concreto da cidade como no espaço virtual da imaginação. O espaço arquitetônico, a rua, a casa, a quadra, e o espaço comunicacional – cinematográfico, publicitário e midiático em geral – dialogam necessariamente com a emergência da intimidade e do aberto. A noção de afeto se relaciona tanto a um como a outro, assim como aquele de espanto e encantamento, e se enquadra a uma compreensão da alteridade. O espaço é um meio de constituição do sujeito e meio de expressão de suas vontades reais e imaginadas.

Neste dossiê o imaginário invade diferentes suportes, filosofias, concepções, modelos, ideias e imagens separadas em três seções. *Morar no Contemporâneo* reposiciona epistemologicamente conceitos sobre habitar, sujeito, identidade e modernidade. Em “Construir, Morar, Pensar: uma releitura de Construir habitar, pensar (bauen, wohnen, denken) de Martin Heidegger”, Fernando Fuão rediscute a questão do lugar, da casa como determinantes de pensar do pensar e do construir o mundo. Maria da Conceição de Almeida no texto “O território do sujeito implicado: ciência nômade” afirma que ‘uma ciência sem sujeito é o mesmo que um livro sem autor, uma casa sem alicerce...’. A autora questiona o consagrado mito da neutralidade na produção do conhecimento e da ciência e reintroduz os princípios das ciências da complexidade e do processo criativo propostos por Edgar Morin e Ylya Prigogine, entre outros. Michel Maffesoli questiona o espaço da contemporaneidade face a pós-modernidade, condição que o autor define como a sinergia de fenômenos arcaicos e do desenvolvimento tecnológico.

Na segunda seção, intitulada Habitar o Inquietante, abre-se a discussão sobre o mal-estar das relações, dos corpos, dos encontros, da arquitetura, das cidades, da cultura e da civilização. Muito além de S. Freud o estado de inquietação do homem consigo e com o mundo produz também perspectivas de espaço e de deslocamentos urbanos. O "corpo danado" de Sérgio Rizo analisado a partir de Signorelli, Michelangelo e Rubens, discute o significado metafórico do corpo humano demoníaco e sofredor por um lado, e por outro, e a integridade do corpo físico na concepção cristã que acaba, paradoxalmente, por obliterar a imagem da alma. Em Inquietante Arquitetura, Reinaldo Guedes Machado discute o significado simbólico do Museu Judaico de Berlim que busca espacializar os acontecimentos dramáticos do holocausto da Alemanha Nazista. A Torre de Ismália: sobre singularidades urbanas de Ana Paula Vieceli fecha a seção com as experiências do grupo ATnaREde em Porto Alegre, grupo de acompanhamento terapêutico, onde narra relações entre loucura e cidade, onde recoloca personagens à margem que reapropriam o seu lugar, provocando estranhamento e conflito, mas também o acolhimento da diferença.

Os espaços da Imaginação na arquitetura, no cinema, na literatura e na arte encerra este numero da Revista de Estética e Semiótica com cinco artigos. Inicia-se com a revisitação do tratado de Vitruvius, "Vitruvius Revisto" de Flávio Kothe, que problematiza a relação entre arquitetura, poder, o divino e o papel de pensador político de Vitruvius. O segundo texto, "A topologia imaginária nas obras de artemídia: habitar espaços rizomáticos " de Gabriela Freitas, discute o espaço híbrido do real e virtual na arte a partir as noções de rizoma em Deleuze e Guattari, habitar em Heidegger e de devaneio em Bachelard. "Entre Literatura e cinema: olhar geocrítico sobre a cidade de Recife" de Alberto da Silva, traz à tona tramas narrativas sobre identidades inacabadas, imersas e cidade em configuração. "Poéticas da Paisagem: do sublime ao pitoresco no movimento Land Art" de Sued Ferreira da Silva, Luciana Saboia e Ana Elisabete Medeiros investiga a práxis artística e paisagem, o sublime e o pitoresco, tendo como estudo o movimento *Land Art*. E por fim, "O imaginário e a poesia urbana: limiares do espaço urbano em 'A Febre do Rato'" de Gustavo de Castro e Raquel de Holanda, que procura compreender o imaginário a partir das imagens cinematográficas como criações poéticas e espaço do sensível. Com vistas ao exercício de uma crítica do espaço construído, imaginado e afetivo é que propomos este dossiê, visando com ele problematizar as relações que se estabelecem nestes campos, entendendo-os como espaços de potência do movimento e da liberdade humana.